

PENSAR BRASÍLIA, PENSAR HISTÓRIA, PENSAR CINEMA¹

Anna Lorena Morais²

Resumo: O século XX é carregado de grandes transformações e significações as quais nos remetemos ao pensar sobre a História na atualidade. Importantes movimentos, escolas, teorias, conceitos como a micro e macro história, Escola de Frankfurt, Annales, Nova História e, sobretudo, a história cultural ganharam espaço e tomaram rumo que hoje reflete, entre outros campos, como da própria historiografia, no fazer história, e como se registrar a história. A história que hoje presenciamos permite ao pesquisador buscar fontes que vão além do documento escrito, possibilitando o acesso a registros orais, literários, fotográficos... e cinematográficos, que é objeto deste trabalho. Com base na análise de três documentários sobre a capital: *A Capital dos Brasis; Rap, o Canto da Ceilândia; e Brasília - Contradições de uma Cidade Nova* este artigo procura traçar a importância em se usar o cinema como fonte de se pesquisa para se pensar Brasília no ensino de história.

Palavras-chave: história, cinema, Brasília, registros.

Qualquer registro é passível de se tornar História e pode ser narrado de várias perspectivas desde, claro, que se respeite o compromisso com a pesquisa histórica. Assim, é possível retratar um pouco sobre a história de Brasília usando como fonte o cinema e, desta maneira, entender a importância da utilização dessa ferramenta em sala de aula.

Brasília já nasceu sob os holofotes. É cidade em que a cena de cada tijolo que se erguia era documentada, seja por um *clic* de máquina fotográfica, ou pelo registro de filmes em película, por uma letra do repentista que veio do sertão, por matérias jornalísticas, e sempre por relatos de testemunhos oficiais do governo.

O artigo 19 da lei de criação da NOVACAP determinou a obrigatoriedade de divulgação mensal de todos os atos da Diretoria, o que ocasionou, àquela época, o surgimento da Revista Brasília. A publicação passou a ser editada, mensalmente, a partir de janeiro de 1957 (NOVACAP, 2011)

¹ Artigo elaborado como parte das atividades da Disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica IV, sob coordenação da Prof. Cristiane Portela

² Estudante de Graduação do 4º semestre do Curso de História do Uniceub

E não foi apenas a *Revista Brasília* que trazia os registros iniciais da construção. Pode-se dizer também que o cinema sobre a capital começou com a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (NOVACAP), que possui acervo com mais de 60 filmes que documentam desde a construção de Brasília, passando por momentos de solenidades de inauguração de prédios da cidade, até os primeiros anos da capital (NOVACAP, 2011). Contudo, esses registros cinematográficos vão além das chamadas fontes oficiais do governo de Juscelino Kubitschek. Brasília nasce nos anos 1960. Ano do cinema novo que surge na França, e chega ao Brasil com o engajamento de luta contra a “falência” do cinema nacional, que é frágil e ofuscado pelo cinema hollywoodiano. Cineastas como Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos e Cacá Diegues tentam dar um tom mais realista ao cinema brasileiro. E naquela época, nada mais realista do que retratar, seja por documentário ou por enredo fictício, as mudanças que aconteciam no país como um todo, e em especial na nova capital que encantava principalmente pelo fascínio modernista.

E é então que Brasília conquista admiradores no contexto cinematográfico, ganhando força principalmente com o *Festival de Brasília do Cinema Brasileiro* que é o festival mais antigo do país, 1967 - ano também da criação curso de cinema da UnB -, mas que começou em 1965 com o nome de *I Semana do Cinema Brasileiro*, e que não pode ser dissociado do *Cine Brasília*, primeiro cinema da capital, já inaugurado em 1960, com a função de entreter os moradores, pois não havia muito opção de lazer naquela época. Nos anos 1970 tem-se a criação de “cineclubes” na cidade, e o cineasta José Damata dá início ao Projeto Cinema Voador, que é atuante até hoje. Na década de 1990, em meio a efervescência do cinema local é desenvolvido o *Pólo de Cinema de Brasília* (DF – Criativa, 2011), que tinha por intuito, como o próprio nome sugere, solidificar as bases de produção do cinema brasiliense. No filme *A Capital dos Brasís*³, que é usado neste trabalho como fonte de relevância para abordar a capital no ensino de história, o cineasta Vladimir Carvalho relata:

Brasília é uma espécie de caixa de ressonância, a confluência de toda a nação, onde os problemas brasileiros se apresentam. E a gente tem um cenário natural, onde os atores da cena brasileira, a cena maior do Brasil, que é a própria política, tem lugar quase que diuturnamente em Brasília. Então, naturalmente como documentarista, eu me

³ Sinopse de *A Capital dos Brasís* – “Documentário mostra a diversidade de Brasília a partir dos pontos de encontro da cidade, revelando a criação de um sotaque próprio, nascido da mistura dos diversos Brasil”. O filme é um episódio da produção *Brasília, a última utopia*.

vocacionei, me inclinei para permanecer em Brasília, porque aqui posso dizer que há um material, uma matéria prima fantástica que justifica toda uma carreira. (transcrição de fala de Vladimir Carvalho no documentário *A Capital dos Brasís*)

Nota-se que Brasília sempre foi visada, não só culturalmente, como testemunha viva que pertence à história do País. Contudo, é interessante notar que por algum tempo - por mais que ainda fosse lembrada a trajetória daqueles que aqui chegaram para serem os construtores da capital, mas que foram excluídos na hora de “socializar” Brasília - grande parte dos testemunhos acerca de Brasília era feito por aqueles que pertenciam a “elite cultural” que se fixava na cidade, e que muitas vezes não procuravam narrar histórias que ultrapassavam os limites da Asa Sul e Asa Norte. O filme *A Capital dos Brasís* é prova disso. E com a intenção de contrastar essa visão centrada no Plano Piloto⁴, por mais que cite regiões administrativas que o cerca, mais dois filmes serão analisados: *Rap, o Canto da Ceilândia*, e *Brasília - Contradições de uma Cidade Nova*. É importante então, estabelecer aqui a diferença geográfica entre Distrito Federal e Brasília. O DF, como a própria denominação coloca, não é Estado, e sim “um território autônomo que integra de forma indissolúvel a República Federativa do Brasil, conforme os artigos 1º e 18 da Constituição Federal de 5 de outubro de 1988. O Distrito Federal não tem capital” (Administração Regional de Brasília, 2011), e é formada por 30 Regiões Administrativas, sendo Brasília a RA I, incluída nesta categoria juntamente com as demais que se distribuem no chamado entorno da capital.

Situando as três produções, o já comentado *A Capital dos Brasís*, com direção de Geraldo Moraes, pertence à projeção *Brasília, a última utopia*⁵, projeto idealizado pelo falecido produtor de cinema e agitador cultural José Pereira. O filme foi “produzido entre os anos de 1989 e 1993 (...), e reúne seis episódios sobre a cidade”, sendo cada um dirigido por um diretor diferente. A película foi exibida pela primeira vez em 1993, no 36º *Festival de Brasília do Cinema Brasileiro*, e foi filme de honra do encerramento

⁴ “ O Plano Piloto de Lúcio Costa para a construção de Brasília é a idéia geradora e caracteriza o esboço inicial que resultou no Plano Urbanístico da Capital Federal.” (Administração Regional de Brasília, 2011). O Plano Piloto configura-se como o centro de Brasília.

⁵ Sinopse de *Brasília, a última utopia* – “Foi produzido entre 1989 e 1993. O filme reúne seis episódios sobre a cidade. São seis diferentes declarações de amor a Brasília. Tem amor à natureza que a recebeu; tem amor à história que sustentou e a justificou; tem amor ao misticismo que a mantém misteriosa; tem amor à saudade do tempo da construção da cidade; tem amor à missão como capital do Brasil e tem amor a arte que a inspirou. O filme foi exibido pela primeira vez no 36º festival de Brasília do Cinema Brasileiro, em 1993. Depois caiu no esquecimento. Durante 16 anos uma cópia permaneceu guardada. Com recursos da Terracap, a Secretaria de cultura do Governo do Distrito Federal recuperou o filme e produziu cópias em DVD. É um presente para Brasília nos 50 anos da capital de todos os brasileiros”

do 42º festival, em comemoração ao aniversário dos 50 anos da capital. (SOBRE O DOCUMENTÁRIO)

*Rap, o canto da ceilândia*⁶, de 2005, é documentário dirigido por Adirley Queiroz, e traz os depoimentos dos rappers Jamaika, Japão, X e Marquim que moram em Ceilândia, e por meio da música expressam as dificuldades, as superações, e o sentimento de pertencerem a uma cidade da periferia do entorno de Brasília. O curta também foi exibido no festival de cinema da capital, onde obteve duas premiações.

Já o documentário *Brasília, Contradições de uma Cidade Nova*⁷, 1967, de Joaquim Pedro de Andrade, indaga se Brasília por ser “uma cidade inteiramente planejada, criada em nome do desenvolvimento nacional e da democratização da sociedade, poderia reproduzir as desigualdades e a opressão existentes em outras regiões do país?”. (trecho retirado da sinopse do documentário *Brasília, Contradições de uma Cidade Nova*).

Esses três documentários, registros da história local, são para a própria história fontes de ensino. Podem ser levados para dentro de sala de aula - e para o espaço além dela - a fim de despertar o interesse em alunos por outros meios de pesquisa e aprendizado que quebrem a padrão quadro e giz⁸.

Pensar história e cinema não é algo novo. Em termos gerais, pode-se dizer que desde o surgimento do cinema com os irmãos Lumière, em 1895, há reflexos dessa “junção”. Em “*História local e história oral*” o historiador Raphael Samuel diz que “A história local não se escreve por si mesma, mas, como qualquer outro tipo de projeto histórico, depende da natureza de evidência e do modo como é lida” (Samuel, 1976). Neste caso, como se é projetada em tela. No mundo acadêmico Marc Ferro, historiador francês da 3ª geração da Escola de Annales, é o mais conhecido e renomado pesquisador a teorizar e aplicar o estudo da chamada “relação cinema-história”. O

⁶ Sinopse de *Rap, o canto da Ceilândia* – “Diálogo com quatro consagrados artistas do Rap nacional (X, Jamaika, Marquim e Japão), todos moradores da Ceilândia, cidade-satélite de Brasília. O filme mostra a trajetória desses integrantes no universo da música e faz um paralelo com a construção da cidade onde moram. São artistas que vêm no Rap a única forma de revelar seus sentimentos e de se auto-afirmar enquanto moradores da periferia.”

⁷ Sinopse de *Brasília, contradições de uma cidade nova* – “Traz Imagens de Brasília em seu sexto ano e entrevistas com diferentes categorias de habitantes da capital. Uma pergunta estrutura o documentário: uma cidade inteiramente planejada, criada em nome do desenvolvimento nacional e da democratização da sociedade, poderia reproduzir as desigualdades e a opressão existentes em outras regiões do país?”

⁸ E é com base nesta idéia que o Projeto *Novas Perspectivas* oferece a alunos de escolas públicas do DF a oportunidade de se envolverem com práticas pedagógicas diversificadas. Como reportagem publicada no jornal *Correio Braziliense* de 08 de novembro de 2011, o projeto levou crianças de escolas públicas de Ceilândia ao Museu Nacional para assistirem três curtas metragens relacionados à história da cidade. *Rap, o canto da Ceilândia* foi uma das produções da mostra. A intenção de projetos como esse é aproximar os alunos a realidade social ao qual pertencem, e mostrar que existem produções de qualidade que podem ser usadas como fonte de aprendizagem, de conhecimento e estudo histórico.

marco inicial desse estudo foi a publicação de um artigo chamado "*O filme: uma contra-análise da sociedade*", na obra coletiva *Faire de l'histoire*, coordenada por Jacques Le Goff e Pierre Nora (1976). Para Ferro a história de um filme já é história. Seja fonte documental ou fictícia é passível de análise das imagens dentro de uma contextualização política, econômica, cultura e social (Ferro, 1992). Sendo assim, os três filmes acima citados possuem um compromisso com a história de Brasília. São três documentos diferentes, mas que com a mesma linguagem, oferecem a oportunidade de se pensar Brasília, a história e o cinema.

A projeção *A Capital dos Brasís*, tem um enfoque mais cotidiano da cidade - exclui-se aqui a "totalidade" do Distrito Federal, sem apresentar depoimentos que abordem também as demais regiões administrativas que cercam a capital. Traz relatos de pessoas que compõem a cena da cidade, mas que necessariamente não residem no Plano Piloto. São opiniões e sentimentos que exprimem diferentes ideias sobre Brasília. A película também retrata o que a noite da cidade oferece aos moradores, como "a(s) identidade(s)" do brasiliense se configuram por meio dos diferentes sotaques que na capital se encontram, mostrando ainda brevemente o funcionamento do congresso, e por fim, há uma tentativa de identificar e conceituar os pioneiros que aqui chegaram.

Com uma visão totalmente diferente, o curta *Rap, o Canto da Ceilândia*, narra uma realidade que privilegia a história de quem não pertence ao centro, a Brasília. História de moradores da periferia do Distrito Federal que, embora estejam fora do Plano Piloto, são importantes para a construção da imagem da capital, ou seja, fazem parte da(s) "identidade(s)" que forma(m) Brasília. Os testemunhos do filme lembram como a cidade surgiu, em 1971 com o propósito de acabar com as invasões que existiam na área urbana de Brasília, como a "Vila Tenório" e a "Vila do IAPI", que é citada no curta. Por isso, o nome Ceilândia, que é derivação de CEI, Campanha de Erradicação das Invasões. Os rappers ainda falam das condições em que os primeiros moradores chegaram à cidade, que não oferecia infraestrutura básica, como ruas pavimentadas, energia elétrica, esgoto e água. Eles relatam a importância da caixa d'água de Ceilândia que, como é dito no filme, é símbolo de história de luta, foi a sobrevivência dos moradores, pois era de onde se tirava a água para o banho, para lavar roupas, para beber, ou seja, realizar toda a higiene necessária daquelas pessoas que ali residiam.

A última película, *Brasília, contradições de uma cidade nova*, foi produzido seis anos após a construção. Exibe pedaços de uma Brasília que ainda se constrói e que já nos anos 1960 enfrentava dificuldades de integrar os próprios construtores no espaço

geográfico e social. Filma depoimentos dos chamados candangos que vieram incumbidos do sonho da construção, mas que encontraram dificuldades em permanecer como “atores” da história que ajudaram a construir. O documentário começa descrevendo a arquitetura urbanística de Brasília, enquanto mostra imagens da cidade, explicando o porquê dos traços do Plano Piloto. Narra que os blocos residenciais podem se dispor de qualquer maneira, desde que respeitem a edificação de seis andares, que as áreas verdes próximas aos blocos são para uso de recreação das crianças, que os “trevos e as passagens de nível” foram feitos para eliminar os cruzamentos, que os cemitérios se localizam nos extremos do eixo rodoviário a fim de evitar que cortejos fúnebres atravessem o centro urbano. Ao retratar a vida daqueles que trabalhavam nessa Brasília planejada, afirma que a cidade é como as demais do país, pois dois terços dos trabalhadores daquela época, incluindo os operários que a construíram, moravam fora do Plano Piloto, no que naquela época eram chamadas como cidades dormitório ou cidades satélites. Aqueles que residiam nessas cidades eram, na grande maioria, pessoas vindas de outras regiões do Brasil, principalmente o Nordeste, e que enriqueceram a capital com os hábitos e a cultura vindas dessas localidades. As declarações desses operários que foram esquecidos pelo governo, relatam como foi a “luta” deles para se estabelecerem no entorno depois da inauguração de Brasília, pois o mercado de trabalho para operários diminuiu muito, em vista ao grande número de imigrantes que havia na época. Além disso, muitos nordestinos continuavam a vir para a capital em busca de melhores condições de vida. Mas após a construção, a cidade do governo JK voltou-se para a vinda daqueles que iriam ocupar as vagas no funcionalismo público e daqueles que movimentariam o comércio.

Portanto, esses três documentários têm em comum as mesmas personagens: a Capital Federal e os habitantes que nela, ou entorno dela, residem. É importante salientar que em todas as películas se discute a Brasília planejada que se tornou palco de desigualdades sociais. Assim, são testemunhos que podem, devem e já são usados como fontes de pesquisa e estudos por instituições de ensino público e privada do DF, e que têm como principal finalidade despertar nos alunos o senso crítico para debates e formação de opinião sobre a história da capital a partir de outro olhar didático.

E não é de hoje que muitas teorias são discutidas sobre a importância em se ampliar o leque de formas de ensino que rompam com as fronteiras impostas pelas paredes da sala de aula, seja desde o ensino de base até o acadêmico. Muitas são as leis e programas - como a Lei de Diretrizes e Bases, o EJA, o EaD - que já resultam em

melhorias na qualidade do ensino do país. Melhorias tidas por muitos como insignificantes, tendo em vista a necessidade de reformular a qualidade de ensino público precário do país (mas isso não pertence a essa discussão). O que interessa então é o compromisso que se faz entre professores, alunos, comunidade e as instituições de ensino em dar oportunidade às transformações positivas no âmbito escolar. E trabalhar o cinema, a música, o cordel, enfim, a arte como um todo são exemplos de mudanças positivas. Mudanças estas que têm resultado direto na história que se é estudada e construída. E como no caso da história local e do cinema, pode-se dizer que, mesmo que “caminhando a passos lentos” - pois não há uma campanha regional ou até mesmo nacional de peso que busque a interação entre pesquisa escolar/acadêmica e cidades partindo de fontes cinematográficas- já existem efeitos dessa “parceria” (e não só com o cinema, e sim com a arte como um todo)⁹.

Sendo assim, trabalhar o cinema enquanto ferramenta para a pesquisa histórica sobre a Capital Federal do Brasil sempre foi objeto de interesse de historiadores, cineastas, estudantes, moradores, e até mesmo de “amadores” que se sentem apenas fascinados com as peculiaridades, que muitas vezes se contrastam, dos relatos que Brasília testemunha no dia-a-dia.

REFERÊNCIAS

Livros

FERRO, Marc. *Cinema e história*. São Paulo: Paz e Terra, 1992. Cap. 1 e 11.

SAMUEL, Raphael. *História local e História oral*. Tradução de Zena Winona Eisenberg. *Revista Brasileira de História* (História em quadro-negro). São Paulo: ANPUH/CNPq/Marco Zero, 19: 219/243, set 1989/fev 1990.

SILVA, Marcos A. da. *História: o prazer em ensino e pesquisa*. São Paulo: Brasiliense, 1995. [pp. 73-76].

SIMAN, Lana Mara de castro. *A cidade na memória: leitura indiciária e ensino da história*. In: RIOS, Kênia S.; FURTADO FILHO, João E. (orgs.) *Em tempo: história, memória e educação*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008. [pp. 361-384]

⁹ Em 2010, na breve gestão do governador Rogério Rosso, as escolas públicas, nível ensino médio, do Distrito Federal passaram a ter os chamados “cineclubes”. O primeiro inaugurado foi o do Centro de Ensino Médio 03 de Ceilândia, escola que tem 41 anos, e é mais antiga da Região Administrativa. A idéia é que o cineclube atenda não só os alunos do colégio, mas também a comunidade, pois embora seja a RA com maior população do DF, Ceilândia ainda não possui cinema (Agência Brasília, 2010).

Documentários

Brasília, Contradições de uma Cidade Nova. Diretor: Joaquim Pedro de Andrade. 1967. 23 min.

Rap, O Canto da Ceilândia. Diretor: Adirley Queiros. 2005. 15 min.

A Capital dos Brasís. Diretor: Geraldo Moraes. 1989. 10 min 40 seg.

Internet

Acervo. NOVACAP. Disponível em: http://www.novacap.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=14081. Acesso em: 11 nov. 2011.

Brasília e o Plano Piloto de Lúcio Costa. Administração Regional de Brasília. Disponível em: http://www.brasilia.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=4356. Acesso em: 27 nov. 2011.

Cinema – Linha do tempo. DF Criativa. Disponível em: <http://www.dfcriativa.com.br/cinema>. Acesso em: 13 nov. 2011.

Escolas de ensino médio do DF ganharão cineclubes. Agência Brasília. Brasília, 7 out. 2010. Disponível em: http://www.agecom.df.gov.br/042/04299003.asp?ttCD_CHAVE=108679. Acesso em: 12 nov. 2011.

História da Construção de Brasília. NOVACAP. Disponível em: http://www.novacap.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=14075. Acesso em: 11 nov. 2011.

O que é Distrito Federal?. Administração Regional de Brasília. Disponível em: http://www.brasilia.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=4352. Acesso em 13 nov. 2011

Matéria publicada em Jornal

MENEZES, Leilane. Cinema para quem quer fazer cultura. *Correio Braziliense*, Brasília, 8 nov. 2011. Cidades, p.30.